



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS CAMINHANDO COM A REALIDADE PROFISSIONAL DISCENTE

Autor: Rafael Correia Lima; Orientador: Dr. Luís Fernando de Freitas Camargo

Instituto Federal de São Paulo – Campus São Paulo; rafaclimarte@gmail.com; lufre@gmail.com

RESUMO

Com ênfase na vida profissional do aluno da educação de jovens e adultos, a pesquisa se pauta em situações de aprendizagens que proporcionem ao discente conexão com a sua realidade profissional, ressaltando o contexto cultural, regional e social do indivíduo. A fundamentação teórica é baseada nas obras de Alvares (2012), Barcelos (2007), Freire (1985, 2001 e 2009), Gadotti (1983 e 2007) e Kuenzer (2001), que faz um viés de significação entre as aulas do currículo oficial da EJA e a contextualização dos conhecimentos tácitos prévios. Além disso, a pesquisa visa à formação profissional do professor e as formas de atuação em sala de aula. Por fim, faz-se um elo entre a educação formal e o mundo do trabalho, uma relação de profissionalização, que difere da educação profissionalizante.

PALAVRAS-CHAVE: EJA, Situações de Aprendizagens, Educação e Trabalho.

INTRODUÇÃO

O ensino da Educação de Jovens e Adultos muitas vezes é tratado como um programa de educação para certificados imediatos, o que na prática não é bem assim. No entanto o objetivo da pesquisa é analisar os pensamentos e reflexões sobre a atuação do professor e das situações de aprendizagens propostas na Educação de Jovens e Adultos.

O leitor encontrará respostas aos principais questionamentos: O que é a EJA? Como o professor da EJA deve atuar? É possível relacionar escolar e trabalho? A educação favorece a profissionalização? E encerra-se o artigo com reflexões de um ensino aprendizagem significativo para alunos adultos.

Em primeiro momento, a EJA é conceituada e colocada com sua importância para a educação formal e de combate ao analfabetismo. Para Alvares (2012, p.23) a Educação de Jovens e Adultos significa: “[...] investir em sujeitos autônomos, que se reconhecem como fazedores de história; indivíduos curiosos, sensíveis, criativos, intuitivos, plenos e inteiros em sua relação, consigo e com o outro e com o mundo”.

Na Educação de Jovens e Adultos nos deparamos com algumas dificuldades e desafios que estão associados ao comportamento e as necessidades dos discentes, tanto no sentido das



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

limitações que interferiram no período do ensino regular quanto nas novas perspectivas e situações que enfrenta a atualidade de ensino.

As situações de aprendizagens estão direcionadas com a objetividade profissional dos discentes, fazendo um elo entre as experiências do professor com os conhecimentos tácitos dos alunos, para favorecer uma educação de qualidade e uma aprendizagem significativa.

A pesquisa busca refletir sobre as ações pedagógicas em sala de aula, como também teoricamente apontar condições para a conquista do saber e aumentar a qualidade do ensino-aprendizagem, numa aprendizagem significativa voltada a carreira profissional dos discentes no ambiente escolar.

METODOLOGIA

Numa perspectiva qualitativa a pesquisa percorre com informações baseadas “[...] na presença ou ausência de alguma qualidade ou característica, e também na classificação de tipos diferentes de dada propriedade” (MARCONI; LAKATOS, 2013, p.136).

A pesquisa se apresenta teoricamente numa análise geral da Educação de Jovens e Adultos e os aspectos do discente em fase de trabalho e também faz uma relação dos compromissos da educação básica com tendências à profissionalização, também aborda as características da atuação do professor da Educação de Jovens e Adultos e suas situações de aprendizagens.

A pesquisa será descritiva que busca as características de um determinado grupo, ou a frequência que um fenômeno ocorre e será qualitativa, pois contém um grande número de variáveis e utilizam técnicas de amostragem para que apresentem caráter representativo. Envolve os aspectos qualitativos como atitudes e opiniões (MARCONI; LAKATOS, 2013, p.70).

O desenho de investigação da pesquisa será não experimental, de corte transversal, que de acordo com Kerlinger (1979, p.116) “a investigação não experimental ou *ex post facto* é qualquer investigação em que o resultado impossibilita manipular variáveis ou designar aleatoriamente os sujeitos ou as condições”.

A pesquisa dispensa os instrumentos de coleta de dados, pois não teve pesquisa de campo, portanto se mostra bibliograficamente fazendo um elo entre os autores da Educação de Jovens e Adultos que enfatizam as situações de aprendizagens com um olhar para a profissão dos discentes.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é destinada a pessoas que não tiveram acesso ou continuidade dos seus estudos no ensino fundamental e no ensino médio na idade própria e que segundo a LDB (BRASIL, 2014, p.26) é assegurado o ensino gratuito aos jovens e adultos que não tiveram as oportunidades educacionais apropriadas e na idade regular, “consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames”.

Além disso, a EJA deve ser articulada com a educação profissional para a permanência do trabalhador na escola (BRASIL, 2014, p.26).

Assim a mesma não pode ser interpretada como um ensino regular da educação básica, pois “[...] as fronteiras entre a educação de jovens e adultos se confundem com as do ensino regular voltado para a clientela que está na idade própria [...]” (GADOTTI, ROMÃO, 2007, p.52).

Moacir Gadotti (2007, p.39) diz que: “o aluno adulto não pode ser tratado como uma criança cuja história de vida apenas começa [...]”. Que em contrapartida o aluno:

[...] quer ver a aplicação imediata do que está aprendendo. Ao mesmo tempo, apresenta-se temeroso, sente-se ameaçado, precisa ser estimulado, criar auto-estima pois a sua “ignorância” lhe traz tensão, angústia, complexo de inferioridade. Muitas vezes tem vergonha de falar de si, de sua moradia, de sua experiência frustrada da infância, principalmente em relação à escola. É preciso que tudo isso seja verbalizado e analisado. O primeiro direito do alfabetizando é o direito de se expressar (GADOTTI; ROMÃO, 2007, p.39).

Por essa reflexão é possível entender melhor a clientela que assume a EJA, e fica evidente que as condições psicológicas e físicas dos alunos são diferentes do ensino regular. Todavia, o mesmo precisa do contato com a escolarização para atender suas necessidades atuais, com seus direitos e limitações.

Gadotti e Romão (2007, p.32) ao se referir ao analfabetismo, muito comum na EJA, diz que:

Conhecendo as condições de vida do analfabeto, sejam elas as condições objetivas, como o salário, o emprego, a moradia, sejam as condições subjetivas, como a história de cada grupo, suas lutas, organização, conhecimento, habilidades, enfim, sua cultura. Mas, conhecendo-as na convivência com ele e não apenas “teoricamente”. Não pode ser um conhecimento apenas intelectual, formal [...].



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Por esse viés que é percorrido os caminhos da escolarização e da alfabetização do aluno adulto, ou seja, a relação professor-aluno parte de maior aproximação entre as partes.

É importante ressaltar que a LDB possui uma pequena legislação acerca da EJA, sendo assim, não trata das peculiaridades do ensino, portanto deixam nas entrelinhas algumas indagações acerca da prática escolar. Assim, afirmam Gadotti e Romão (2007, p.46), “[...] não cabe comentar nos limites deste trabalho, o que Darcy Ribeiro dedica em seu projeto de LDB à educação de jovens e adultos é digno dos maiores temores [...], pois, pela omissão e por seu próprio conteúdo [...]”.

Encontra-se no 5º artigo das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, parágrafo único, (BRASIL, 2000) e Inciso II que quanto à diferença, a identificação e o reconhecimento da alteridade própria e inseparável dos jovens e dos adultos em seu processo formativo, da valorização do mérito de cada qual e do desenvolvimento de seus conhecimentos e valores.

No entanto, Gadotti e Romão (2007, p.33-34) afirmam que tal educação “[...] deve ser sempre uma educação multicultural, uma educação que desenvolve o conhecimento e a integração na diversidade cultural”. Uma educação que não se limita em preconceitos raciais, sexuais, culturais ou qualquer outra forma de discriminação contra o ser humano.

Por essas reflexões é que baseiam a EJA, a partir de então o professor tem a função de se preparar e saber lidar com a realidade que permeiam os discentes.

ATUAÇÃO DO PROFESSOR DA EJA

A atuação do professor da Educação de Jovens e Adultos com modalidade presencial enfrenta as diversas peculiaridades do sujeito, no mesmo passo que o mesmo carrega suas particularidades nas situações de aprendizagens propostas. Frente ao quadro de enfrentamento que permeia a Educação de Jovens de Adultos, cabem algumas atitudes que o professor e a instituição de ensino dessa modalidade de educação devem invocar para atender o público alvo.

A instituição de ensino e o corpo docente devem se preocupar com a mediação dos conteúdos pedagógicos aos alunos da EJA no sentido de ressaltar suas habilidades afins de enriquecimento cultural e profissional, tornando-os seres autônomos. Para Tardif (2002, p.11):



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos e com os outros atores escolares.

No contexto social do aluno adulto, que tem a necessidade de formação na educação básica, a EJA se adapta a realidade do aluno com seu tempo e espaço, consecutivamente, sua carreira profissional. Nesse contexto, Freire (1985) traz na experiência de Angicos, em alfabetização de jovens e adultos, orientações que usam da própria vivência do aluno adulto, no sentido de se alfabetizar de forma significativa. O autor traz ideias que produzem sentido ao educando, sendo, uma educação política, no sentido de aprender uma realidade que faz parte do cotidiano do educando.

O professor que atuar na EJA, não precisa ser um educador formal, pode ser um educador popular, mas que tenha uma visão ampla onde traga “[...] a orientação de libertação com o objetivo de estimular as potencialidades do povo através da conscientização, da capacitação e de ampla participação social [...]” (GADOTTI; ROMÃO, 2007, p.37).

Barcelos (2007) ao se tratar da formação do professor, ressalta a importância principalmente dos que trabalham com a EJA de que o mesmo passa por diversos momentos, por diferentes formas e por muitos lugares, ou seja, o professor está ligado ao saber da experiência. Sendo assim, a formação dos professores passa, por diversidade e pluralidade, que são uma excelente oportunidade de ampliação do repertório de conhecimento e de saberes do fazer educativo.

A atuação do professor na EJA, segundo Kuenzer (2003) é uma possibilidade de “uma capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles”. Ou seja, o conhecimento pedagógico caminha junto com o conhecimento tácito e se associado às competências do trabalho trazidas pelos alunos, produzem uma aprendizagem significativa.

SITUAÇÕES DE APRENDIZAGENS: EDUCAÇÃO E TRABALHO

Para orientar as situações de aprendizagens, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos orienta e dá total autonomia ao desenvolvimento educativo e em seu espaço escolar para a inserção de processos formativos extraescolares (BRASIL, 2000). Pois, como vimos anteriormente,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

[...] a identidade própria da Educação de Jovens e Adultos considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio [...] (BRASIL, 2000).

Nesse sentido, o professor pode oportunizar suas aulas com autonomia, pautados nos conhecimentos, respeitando o processo evolutivo do adulto. Porém as “crianças e adultos se envolvem em processos educativos de alfabetização com palavras pertencentes à sua experiência existencial, palavras grávidas de mundo. Palavras e temas” (GADOTTI; ROMÃO, 2007, p.16). Ou seja, os assuntos se tornam interessantes aos alunos adultos ao passo em que as situações de aprendizagens fazem relação entre o conhecimento formal e o seu conhecimento tácito.

Partindo do pressuposto apontado por Freire (1985, p.112).

[...] Lições que falam de Evas e de uvas a homens que às vezes conhecem poucas Evas e nunca comeram uvas. “Eva viu a uva”. Pensávamos numa alfabetização que fosse em si um ato de criação, capaz de desencadear outros atos criadores. Numa alfabetização em que o homem, porque não fosse seu paciente, seu objeto, desenvolvesse a impaciência, a vivacidade, característica dos estados de procura, de invenção e reivindicação.

De imediato o professor que atua na modalidade de ensino em Educação de Jovens e Adultos precisa conhecer a realidade, obter informações e características pessoais dos discentes, antes de iniciar o seu trabalho. Além disso, no percurso dessas relações práticas em sala de aula os conteúdos associado à prática profissional dos envolvidos pode trazer produção significativa para as aulas.

As aulas em que se propõe um ensino voltado à vivência profissional do aluno são possíveis manter o aluno interessado à escolarização e com motivação para o conhecimento formal. Para Alvares (2012, p.23),

Dimensionar a Educação de Jovens e Adultos sob o paradigma da estética significa investir em sujeitos autônomos, que se reconhecem como fazedores de história; indivíduos curiosos, sensíveis, criativos, intuitivos, plenos e inteiros em sua relação consigo, com o outro e com o mundo; sujeitos livres para se autodeterminarem, para orientarem seus desejos, para sonharem [...].

A partir do momento em que o professor dá liberdade para a expressão particular dos pensamentos dos seus alunos, nesse processo, o aluno produz autonomia, sendo assim, ele faz parte do processo de educação.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Para Paulo Freire (2001, p.159) ao se referir sobre a prática educativa progressivamente pós-moderna, afirma:

[...] é a que se funda no respeito democrático ao educador como um dos sujeitos do processo, é a que tem no ato de ensinar-aprender um momento curioso e criador em que os educadores se reconhecem e refazem conhecimentos antes sabidos e os educandos se apropriam, produzem o ainda não sabido.

Paulo Freire (1985 *apud* GADOTTI, 1983, p.154) “não concebia a alfabetização burocraticamente. A alfabetização não é a extensão da possibilidade de ler e escrever para todos, mas é possibilitar a todos o acesso ao mundo, poder construí-lo com liberdade”.

Proporcionar uma educação que não privilegie somente à leitura das palavras, mas também a leitura do mundo, permitindo uma maior interação do indivíduo com o meio em que ele vive e desenvolvendo o raciocínio crítico no contexto da leitura, com o objetivo de criar condições de cidadania (FREIRE, 2009). O aluno aprende a partir de sua vivência, assim acontece à aprendizagem significativa, não por simplesmente decorar conteúdos, obras, literaturas entre outros assuntos da educação. Nesse sentido, o aluno é intelectualmente capaz de vivenciar o conhecimento formal a sua experiência.

[...] São poucos os professores que não notam os problemas que surgem quando o aluno apenas decora a resposta correta ou o modo de computar uma solução. Todos gostaríamos de encarar-nos como “progressistas” ao invés de “tradicionais”, como estimuladores das capacidades intelectuais ao invés de inibidores [...] (CARRAHER, 2008, p.15).

Uma solução apontada por Romão e Gadotti (2007, p.32) é que “no mínimo, esses educadores precisam respeitar as condições culturais do jovem e do adulto analfabeto”. As situações de aprendizagens e os conteúdos a serem ensinados pelo educador em sala de aula são tão importantes, que:

[...] o educador lhes deve ensinar, quanto à análise que eles façam de sua realidade concreta. E, ao fazê-lo, devem ir, a indispensável ajuda do educador, superando o seu saber anterior, de pura experiência feita, por um saber mais crítico, menos ingênuo [...] (GADOTTI; ROMÃO, 2007, p.16).

Para um ensino aprendizagem eficaz aos adultos com carreira profissional, as situações de aprendizagens, precisam ser significativas à realidade profissional do indivíduo de forma a cativar o interesse individual e coletivo aos temas das aulas. Pois,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

[...] são tão importantes para a formação dos grupos populares certos conteúdos que o educador lhes deve ensinar, quanto à análise que eles façam de sua realidade concreta. E, ao fazê-lo, devem ir, a indispensável ajuda do educador, superando o seu saber anterior, de pura experiência feita, por um saber mais crítico, menos ingênuo [...] (GADOTTI; ROMÃO, 2007, p.16).

De certo que o aluno adulto seja possuidor de uma carreira profissional e de vida, com seus conhecimentos tácitos, influenciados antes da escolarização, pois segundo Gadotti (1983, p.52) o sistema capitalista é um tipo de sociedade mais socializado, “[...] tendo assim uma profunda influência sobre a vida do homem em sociedade”.

Nesse contexto, as situações de aprendizagens que não se apoiam na objetividade profissional dos alunos trazem desinteresse porque não produzem aprendizagem significativa, se em caso positivo amplia o conhecimento e abre oportunidades ao educando.

EDUCAÇÃO PARA A PROFISSIONALIZAÇÃO

Com ênfase na Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional, Art. 2º, nos princípios de liberdade e o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 2014, p.09), surge o questionamento entre o objetivo da educação para o trabalho.

A relação entre escola e trabalho para o aluno da EJA é muito aproximada, pois, segundo Kuenzer (2001, p. 9-10) a educação possui dupla função,

“[...] preparar para a continuidade de estudos e ao mesmo tempo para o mundo do trabalho, que lhe confere ambiguidade, uma vez que esta não é uma questão apenas pedagógica, mas política, determinadas pelas mudanças nas bases materiais de produção [...]”.

Para Kuenzer (2001, p.23-24) referindo-se a lei 5692/71 que “propunha que o ensino, e não a escola devia ser profissionalizante, o que significa congregar todos os recursos disponíveis em escolas, empresas e comunidades [...]”.

A Educação de Jovens e Adultos, segundo a LDB (BRASIL, 2014, p.9), associa-se na necessidade discente de profissionalizar-se, nesse sentido o aluno deve ser o protagonista do ensino, pois os temas iniciam e permeiam o interessado, que o direcionará uma educação para à vida, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O resultado da investigação qualitativa se apresenta por meio de transcrição de teorias e comentários recolhidos através da pesquisa bibliográfica para compreender o grau de percepção e envolvimento do tema. Como também, observação, emissão de juízos de valores e de análise de dados (MEIRINHOS; OSÓRIO, 2010, p.51).

Gadotti e Romão (2007, p.16) ao dizerem que tanto as “crianças e adultos se envolvem em processos educativos de alfabetização com palavras pertencentes à sua experiência existencial, palavras grávidas de mundo. Palavras e temas”. Nesse sentido, a pesquisa ganha sentido quando os temas das aulas estão voltados à experiência profissional dos discentes e eles têm liberdade de expressar seus conhecimentos em sala de aula. A educação de jovens e adultos se torna interessante ao passo em que os alunos são cativados e as situações de aprendizagens fazem relação entre o conhecimento formal e o conhecimento tácito.

Ao final a LDB (BRASIL, 2014, p.9) acerca da Educação de Jovens e Adultos, associa a necessidade discente de profissionalização, na qual o aluno deve ser o protagonista do ensino, além de que a educação prevê o seu preparo para o exercício da cidadania e a sua qualificação para o trabalho.

CONCLUSÃO

Baseado nas afirmações dos autores citados e nas legislações é possível perceber a forte influência que as situações de aprendizagens sofrem na educação de jovens e adultos com temas relacionados à carreira profissional dos alunos, bem como o professor deve apoiar e permear os conteúdos com ênfase na liberdade de expressão dos alunos.

Foi constatado que “[...] não é possível a educadoras e educadores pensar apenas os procedimentos didáticos e os conteúdos a serem ensinados aos grupos populares”. Os próprios conteúdos a serem ensinados não podem ser totalmente estranhos ao cotidiano dos alunos (GADOTTI; ROMÃO, 2007, p.15).

A relação entre escola e trabalho para o aluno da EJA é muito aproximada, pois a educação possui dupla função, para preparar o aluno para a continuidade dos estudos e ao mesmo tempo para o mundo do trabalho Kuenzer (2001, p.9-10).

O que parece ser claro é que o ensino destinado aos jovens e adultos torna-se significativo quando aplicado à realidade profissional do mesmo. Considera-se que o tema dessa pesquisa é amplo, portanto se abre um leque de oportunidades a outras pesquisas e apontamentos.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARES, Sonia Carbonell. **Educação estética na EJA: a beleza de ensinar e aprender com jovens e adultos.** – São Paulo: Telos, 2012.

BARCELOS, Valdo. **Formação de professores para educação de jovens e adultos.** 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BRASIL, MEC. Resolução CNE/CEB Nº 1, De 5 de Julho de 2000. **Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação e Jovens e Adultos.** Acesso em: 02/06/2015 as 21h03m. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/resolucao_01_2000.pdf.

_____. **LDB: Lei de Diretrizes e bases da educação nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** 9.ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

CARRAHER, Terezinha Nunes (org.). **Aprender pensando: contribuições da psicologia cognitiva para a educação / David William Carraher... [et al.].** 19.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

_____. **Pedagogia dos sonhos possíveis.** São Paulo: Unesp, 2001.

_____. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório** – 2.ed. – São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1983.

_____; ROMÃO, José E. (Orgs.). **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta.** – 9.ed. – São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2007.

KERLINGER, F.N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais: um tratamento conceitual.** São Paulo: EDUSP, 1979.

KUENZER, Acácia Zeneida. **Ensino médio e profissional: as políticas do Estado neoliberal.** – 3.ed. – São Paulo: Cortez, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados.** 7.ed. – 7. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2013.

MEIRINHOS, Manuel; OSÓRIO, António. O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. **EDUSER: revista de educação**, Vol. 2 (2), 2010, p.49-65.

MOREIRA, Marco Antônio; MASINI, Elcie F. Salzano. **Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel.** – São Paulo: Moraes, 1982.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2002.